

O dizer sobre o ensino de português para refugiados: um olhar a partir da Análise do Discurso

Luiza Holsbach Santiago*, Lauro José Siqueira Baldini.

Resumo

A partir de uma posição teórico-metodológica materialista da linguagem, a qual considera o equívoco um fato constitutivo da língua, essa pesquisa se propõe a analisar os discursos que circulam em notícias online a respeito do ensino de português para refugiados no Brasil, com o objetivo de compreender os processos discursivos presentes nesses recortes e quais são os sentidos em jogo no material de análise. A partir da Análise do Discurso, observamos as condições de produção, as posições de sujeito e a formação ideológica que tecem as relações entre os sujeitos refugiados, a língua portuguesa falada no Brasil e o seu ensino.

Palavras-chave:

Análise do Discurso, Refugiados, Ensino de Língua.

Introdução

O refúgio é uma situação que tem assolado milhões de pessoas nos últimos anos, obrigadas a fugir de várias circunstâncias que violam os direitos humanos, precisam passar por processos de (re)adaptação e integração local, ou seja, aprender uma nova língua, se habituar à nova cultura e ser inseridas nas contradições específicas do novo contexto do país de destino.

A partir desse cenário, essa pesquisa teve por objetivo investigar quais são os discursos que circulam na esfera midiática – notícias online – a respeito dos refugiados e da língua portuguesa ensinada a eles no Brasil, pensando qual é o papel da língua na constituição da “cidadania”. A partir das relações entre língua, sujeito e discursos analisamos os dizeres dos/sobre os refugiados e como se relacionam com o aprendizado da língua.

O ponto de partida para a análise foram as seguintes perguntas: Quem é que fala a respeito dos refugiados? Eles têm voz? O que eles dizem? Quais são as relações de sentido estabelecidas entre sujeito e língua?

Resultados e Discussão

A análise nos permitiu definir três “posições-sujeito” que tem voz no material. A primeira delas é a própria mídia, que traz os dados quantitativos, como o contingente de refugiados em números a cada ano, bem como explicações sobre a legislação e sobre as situações de guerra na Síria, no Congo etc. Podemos dizer, baseados em Pêcheux (1990)¹, que as formações ideológica e discursiva determinam o que pode e deve ser dito, e o sujeito está submetido a elas. Além disso, ocorre a interpelação do sujeito pela ideologia que faz com que ele, de maneira inconsciente, (re)produza as relações sociais.

À segunda chamamos de especialista, uma vez que encontramos a fala de membros de ONG, de pessoas ligadas à área da educação, enfim, de alguém que seria “qualificado”, legitimado, e que poderia estar ali dando seu depoimento por ter familiaridade com o tema. E a terceira “posição-sujeito” que fala são os próprios refugiados, que têm um papel central enquanto objeto discursivo, uma vez que relatam suas experiências na guerra e no país acolhedor: “A nossa casa não existe mais. Foi bombardeada. Vim para cá com meu pai, minha mãe e meu irmão. A guerra é horrível”² (Joseph Karam ao G1, 12/04/2016).

No discurso midiático é ressaltado o fato de os refugiados terem formação profissional *qualificada*, evidenciando suas profissões, e isso se contrapõe com a ideia de *baixa qualificação*, somado ao fato de que, para exercerem suas profissões, precisam aprender o português. Esse dizer sobre o outro, por um lado, marca uma aproximação entre os refugiados e as “pessoas comuns” ou “os brasileiros”, pois eles, assim como todo mundo, também possuem uma profissão, família, afazeres etc. Por outro lado, os refugiados também são designados como “eles”, ou seja, os outros que são aqueles que têm dificuldade com a língua portuguesa, trazendo o sentido de distanciamento e desidentificação.

Também vimos que, no processo discursivo há um efeito de finalidade expressa pela conjunção *para*, sendo assim, o português serve *para* que os refugiados recomecem suas vidas. E nesse sentido, é colocada outra relação de sentido: da língua enquanto barreira.

Conclusões

Os processos discursivos marcam a língua portuguesa enquanto uma necessidade primordial, difícil de ser aprendida, por isso ela é uma barreira. Além disso, também estabelecem que os refugiados precisam do português para saírem da exclusão social: esse é o dizer *sobre*. De todo modo, o dizer dos refugiados também pertence a essa formação discursiva que coloca a língua como uma necessidade que servirá como um fim de obtenção de sucesso. Sendo assim, nosso material mostrou uma homogeneidade discursiva de modo que pudemos compreender as diferenças e semelhanças entre o “discurso sobre” e o “discurso de” que constituem os sentidos do jogo discursivo.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Lauro Baldini, pela paciência e confiança, e por me encorajar a seguir nessa trajetória inquietante da Análise do Discurso. Também aos colegas do PHIM, por me inspirarem e indicarem leituras tão essenciais para a realização desse trabalho. E ao CNPq por me conceder a bolsa que possibilitou a concretização da pesquisa.

¹ PÊCHEUX, Michel. O Discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. por Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

² <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/04/em-bh-sirios-tem-aulas-de-portugues-para-recomecar-vida-apos-guerra.html><acesso em 07 jan. 2017>